

OS DESAFIOS DOS DOCENTES NO ENSINO PARA ALUNOS SURDOS

DE FREITAS, Maria¹

FERREIRA, Rosângela

RESUMO:

A análise deste artigo é resultado de uma revisão bibliográfica sobre desafios que os professores enfrentam ao ensinar alunos com surdez. Foi descrito, também, um pouco sobre como surgiram pessoas com deficiência auditiva e como eram tratadas até chegar aos dias atuais, sobretudo no que se refere à educação escolar, com o surgimento do colégio Instituto Nacional de Surdos – INES localizada no Rio de Janeiro. Este trabalho tem como objetivo, analisar os desafios que os docentes mais encontram ao ministrar uma aula com um aluno surdo, com ou sem ajuda de um intérprete de Libras. (Língua Brasileira de Sinais).

Palavras-chaves: Libras, surdez, educação.

1 INTRODUÇÃO:

A surdez é uma condição que afeta a capacidade de a pessoa ouvir e compreender sons, o que pode criar barreiras no seu aprendizado, pois os surdos vivem em um mundo gestualvisual, ou seja, fazendo o uso da Libras (Língua Brasileira de Sinais), se diferenciando de pessoas que, sem essa deficiência auditiva, fazem o uso da audição para se comunicar. O uso da Libras é muito importante para o crescimento e desenvolvimento da pessoa surda, porque eles necessitam de identidade cultural, além de aprender a ler e a escrever. CROMACK (2004).

Do Nascimento (2015) relata que essa grande barreira já existe há muito tempo, fazendo com que os surdos fossem considerados incapazes de aprender e raciocinar. Logo, eram excluídos da sociedade, sendo negado a eles direitos básicos como: frequentar a escola, ter bens materiais, entre outros. Naquela época, os surdos também eram considerados pessoas sem alma imortal pela igreja católica. Segundo Campos (2018) O homem deficiente era dado como

¹ Graduada do Curso de Pedagogia – FIRA. Email:

imperfeito, pois, anteriormente, se dizia que o homem foi criado como imagem e semelhança de Deus, ou seja, sendo também aceitos em templos, tendo funções mediadoras.

(Cromack, apud. Perlin 1988, p. 53) O espaço social, que é a cultura ouvinte, faz com que o surdo acabe se constituindo, se vendo como parte diferente do mesmo, isto é, onde o surdo se constitui sendo extremamente diferente por necessitar do uso da linguagem visual, tendo, por vez, sua identidade dividida.

Hoje em dia, no Brasil, os surdos têm o direito de terem um intérprete de Libras dentro da sala de aula, os auxiliando com uma educação bilíngue, ou seja, primeiro a Libras e, por segundo, a língua portuguesa, a qual eles escrevem. Mesmo com algumas leis, os surdos ainda são excluídos, tanto na escola quanto pelos familiares. Superar esses desafios é uma forma de oferecer uma educação de qualidade para esses alunos, valorizando e respeitando essas diversidades, reconhecendo também suas capacidades.

Tendo, também, em vista uma escola inclusiva, na qual esses alunos são vistos de forma onde respeitem suas necessidades e potenciais. NASCIMENTO (2015)

Diante do exposto, esse trabalho tem por objetivo analisar as principais dificuldades encontradas pelos professores no desenvolvimento da sua prática docente junto aos alunos surdos. Para isso, foi realizada uma pesquisa qualitativa com análise das referências bibliográficas para descrever tais desafios.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Histórico da surdez

Segundo BENTES (2006), a cultura surda é uma comunidade formada por pessoas que compartilham uma língua, valores e identidades em comum. É muito importante compreender que a surdez não é apenas uma deficiência, mas também uma forma de identidade cultural.

Para os antigos gregos, chineses e espartanos, os surdos eram considerados seres incompetentes e incapazes de raciocinar, sendo até mesmo servidos como um tipo de oferenda para os seus deuses, também sendo jogados ao mar e condenados à morte. Por outro lado, no Egito, eles eram muito respeitados pela sociedade, pois tinham funções de fazer mediações entre os faraós e os deuses.

CAMPOS (2018) Sócrates em 360 a.C. diz que era tolerável que os surdos se comunicassem com as mãos, porém Sêneca afirmou que:

Matam-se cães quando estão com raiva; exterminam-se touros bravios; cortam-se as cabeças das ovelhas enfermas para que as demais não sejam contaminadas; matamos os fetos e os recém-nascidos monstruosos; se nascerem defeituosos e monstruosos, afogamo-los, não devido ao ódio, mas à razão, para distinguirmos as coisas inúteis das saudáveis. (SÊNeca Apud CAMPOS 2018)

Mais tarde, a ideia de Santo Agostinho era que os pais de filhos surdos apenas estavam pagando pelos seus pecados; por isso, os filhos deficientes auditivos. O primeiro homem considerado educador de surdos foi Jhon Beverly 700 d.C., pois ensinou um surdo a falar pela primeira vez, onde se trocou o ponto de vista religioso pela razão, sendo algo analisado cientificamente. CAMPOS (2018)

Como a surdez era uma deficiência pouco visível ao nascer da criança, CAMPOS (2018) relata que os recém-nascidos não obtinham o mesmo destino de crianças deficientes na Antiguidade, ou seja, não eram sacrificadas e abandonadas. Mas como isso também dificultava o seu acesso e sua participação na sociedade, eles eram delegados a realizar coisas cotidianas das mais simples, como o cultivo de campo, até mesmo a guerra; mas por conta da falta de oralidade, sua participação era bastante limitada.

Na Idade Moderna, a expressão surdo-mudo deixa de ser usada e logo os surdos também conseguem o direito à educação e socialização, mas não deixaram de sofrer pela sua cultura, que não foi totalmente aceita. Consideravelmente é uma mudança, por isso sempre esteve ligado a educação, mas não pode se esquecer que o surdo ainda sofre com isso. Hoje, pode ser conhecido como um cidadão, sendo uma pessoa incluída com sua língua de sinais ou não.

Perlin (*apud* Campos, 2018) aponta que as identidades surdas se modificam conforme o movimento e representações de sua cultura, pois, assim, o surdo vai se incluindo na sociedade em que vive, sendo alguma delas:

Surdos híbridos: Nascem sem a deficiência auditiva e, por alguma razão, acabam ficando sem audição.

Surdos embaçados: Que não falam, não utilizam língua de sinais e são, de fato, tratados como deficientes e afastados da cultura surda.

Surdos intermediários: Têm a surdez leve e fazem uso de aparelho auditivo, não participando da comunidade surda e não utilizando também recursos como uma intérprete de Libras, e se considerando ouvinte.

Surdos de diáspora: São surdos que sempre se mudam, de um estado para outro ou de um país para outro.

2.2 O Histórico da surdez no Brasil

No Brasil, a história dos surdos teve início no Segundo Império, liderado por Dom Pedro II, que convidou o conde e professor francês Eduard Huet, que veio com a missão de ensinar uma metodologia já aplicada na Europa (método de Pedro Ponce, responsável por criar um alfabeto manual que ajudou os surdos a soletrarem palavras). Sendo assim, surgiu uma escola no Rio de Janeiro chamada Imperial Instituto Nacional de Educação de Surdos-Mudos, que, nos dias atuais, recebe o nome de Instituto Nacional de Surdos – INES. ACHIETA (2016).

Segundo (Strobel *apud*. Mori, 2015), a escola também servia como um asilo, especificamente para meninos surdos de todo o Brasil. A legislação do INES, em sua fundação, é:

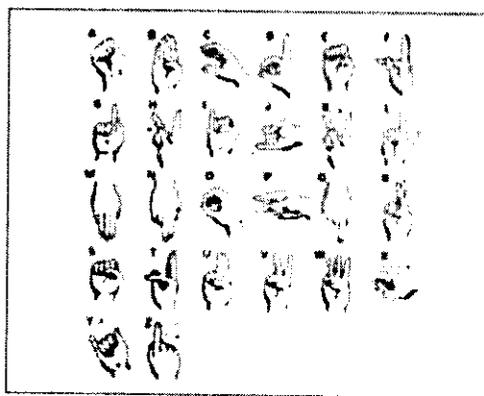
[...] quando a Lei nº 839, de 26 de setembro de 1857, denominou-o ‘Imperial Instituto de Surdos-Mudos’ (...), o artigo 19 do Decreto nº 6.892 de 19-03-1908, mandava considerar-se o dia 26 de setembro como a data de fundação do Instituto, o que foi ratificado pelos posteriores regulamentos, todos eles aprovados por decretos. Inclusive o Regimento de 1949, baixado pelo Decreto nº 26.974, de 28-7-49 e o atual, aprovado pelo Decreto nº 38.738, de 30-1-56, (publ. No D. ° de 31-1-56), referindo à denominação de ‘Instituto Nacional de Surdos Mudos’ (...) Tal instituição viu seu nome modificado recentemente pela Lei nº 3.198, de 6-7-57 (publ. No D. ° de 8-7- 57), para ‘Instituto Nacional de Educação de Surdos’ [...]

A INES funcionava da seguinte maneira:

Nos três primeiros anos: leitura, escrita, cálculo até frações decimais, música e artes mecânicas adaptadas à idade e força dos meninos. Na leitura, se compreende o ensino do catecismo. No quarto ano: gramática nacional, Língua Francesa, continuação de aritmética, princípios elementares de

geografia, música e ofícios mecânicos. Do quinto ano em diante, além das matérias do ano antecedente, o ensino de geometria plana e retilínea; de história e geografia antiga, média e moderna; e leitura explicada dos evangelhos. No último ano: história e geografia nacional e o aperfeiçoamento da música e dos trabalhos mecânicos para os quais maior aptidão tivessem mostrado os alunos. (Instituto Benjamin Constant, 2007, p. 80 Apud ANCHIETA 2016)

ANCHIETA (2016) Fala que, o método de Huet era incluir o uso de sinais com as mãos, com o alfabeto manual, e aos que tinham um pouco da fala, desenvolvia linguagem oral. Eles aprendiam a língua de sinais francesa e eram instruídos com o alfabeto manual para desenvolver a escrita da língua portuguesa e no desenvolver da sua fala.



Fonte: revista unioest

Huet dirigiu o Instituto Imperial para Surdos-Mudos de Ambos os Sexos desde a sua fundação, em 1857, até 1861. Uma primeira versão para sua saída, fornecida por Rocha (1997), é a de que esta teria sido ocasionada por conflitos conjugais, financeiros e intrigas pessoais com o Marques de Olinda. Uma segunda versão complementar é dada por Oviedo (2007), ou seja, a aceitação de Huet a um convite para fundar uma escola de surdos no México. Há ainda a versão de Jannuzzi (2004, p. 4) de que Huet fora contratado pelo governo e, ao término do contrato, "vendeu seus direitos relativos ao instituto ao governo imperial por \$ 2.744,680 (2 contos, 744 mil e 680 réis)". (Rocha 1997, Oviedo 2007, Jannuzzi 2004. Apud Anchieta.2016)

Após a saída de Huet, (ANCHIETA, 2016) o diretor da época, Tobias Leite, colocou em prática o ensino agrícola, pois, em sua concepção, era o trabalho ideal para os surdos para se tornarem humanos produtivos. Se contentando, assim, com o salário baixíssimo e sendo explorados; pois, já que não tinham o senso crítico em relação ao trabalho, eles teriam essa única escolha.

[...] o objetivo não era o de formar homens letrados. Sendo de classes de baixa segmentação econômica, seria melhor oferecer-lhes o ensino agrícola pelas características do Brasil e, também, como médico que era, argumentava achar a vida no campo mais saudável para o surdo. Nas cidades só lhes restavam a profissão de artista ou de operários, o que segundo ele, tornava-os vulneráveis à exploração de chefes de oficinas ou de empresários cruéis. No campo, com a vida mais calma, estariam protegidos. (Rocha, 2009, p. 49 Apud Anchieta 2016)

Após a saída de Tobias, um professor chamado Cândido Jucá ficou muito conhecido por conseguir desenvolver leitura labial nos alunos surdos, ele retomou a matéria de linguagem articulada. (Idem *apud*. Anchieta 2016) retoma dizendo que Jucá invertia o processo e começava de frases para ensinar a língua.

2.3 Definições gerais sobre surdez

A surdez varia muito de acordo com sua perda, podendo ser desde o nascimento ou perda por conta de acidentes, ruídos e até mesmo pelo uso de fones de ouvido usados no volume máximo. Foi alertado pela OMS (Organização Mundial da Saúde) que o uso de fones usado dessa maneira, pode levar 1,1 bilhão de jovens a terem perda de audição futuramente. Guimarães (2019)

O surdo, FERNANDES (2019) é quem tem perda auditiva e faz parte da comunidade surda e faz utilização da Libras como sua primeira língua, valorizando sua parte histórica não gostando então, de serem chamados de deficientes auditivos pois não se consideram como um.

Existem diferentes tipos de perdas auditivas, sendo elas:

Congênitas/adquiridas: É a surdez através de doenças que poderiam ser prevenidas durante a gestação sem um acompanhamento no pré-natal e falta de vacinação como por exemplo, AIDS; rubéola; herpes e sífilis. Podendo adquirir também após o nascimento com as etiologias como, bactérias e virais.

Pré e pós linguísticos: O recém-nascido que já nasceu com a deficiência ou perdeu ao longo do tempo antes mesmo de aprender a falar, o chamamos de pré linguísticos. Já o póslinguístico é aquele onde o surdo perdeu sua audição após a saber se comunicar oralmente.

Condutivas: É a surdez causada através de acidentes atingindo o ouvido como uma perfuração de tímpano.

Neuros sensoriais: causadas por exemplo, durante o envelhecimento comprometendo o nervo coclear.

Perdendo sua audição ainda na infância, irá dificultar ainda mais o processo de desenvolvimento da fala e de socialização da criança trazendo um certo “atraso” na sua vida escolar.

A realização do diagnóstico contendo o tipo e o grau da perda auditiva é realizado através de um fonoaudiólogo que faz um exame chamado audiometria, onde o paciente usa fones e é aplicado um estímulo sonoro onde o próprio tem que sinalizar a menor intensidade que consegue ouvir. Sendo aplicados as frequências 250Hz, 500Hz, 1000Hz, 2000Hz, 3000Hz, 4000Hz, 6000Hz e 8000Hz. Segue abaixo uma tabela com um guia de avaliações audiológica.

| Amplitude sonora em dB NA | Denominação | Impacto da perda na fala |
|---------------------------|---|---|
| ≤ 25 dB NA | Audição normal | Nenhuma dificuldade significativa |
| 26 – 40 dB NA | Perda auditiva de grau leve | Dificuldade com fala fraca ou distante |
| 41 – 55 dB NA | Perda auditiva de grau moderado | Dificuldade com fala em nível de conversação |
| 56 – 70 dB NA | Perda auditiva de grau moderadamente severo | A fala deve ser forte, dificuldade para conversação em grupo |
| 71 – 90 dB NA | Perda auditiva de grau severo | Dificuldade com fala intensa; entende somente fala gritada ou amplificada |
| ≥ 91 dB NA | Perda auditiva de grau profundo | Pode não entender nem a fala amplificada; depende da leitura labial |

| Medida em dB | Denominação | Como consegue ouvir sem a leitura labial |
|--------------|-----------------------------|---|
| 0 – 15dB | Audição normal | Todos os sons da fala |
| 16 – 25dB | Perda auditiva discreta | Sons das vogais ouvidos claramente; pode perder sons de consoantes surdas |
| 26 – 30dB | Perda auditiva de grau leve | Ouve apenas alguns sons da fala, ou seja os fonemas sonoros mais fortes |
| 31 – 50dB | Perda auditiva moderada | Perde a maior parte dos sons da fala em um nível de conversação normal |
| 51 – 70dB | Perda auditiva severa | Não ouve os sons da fala no nível de conversação normal |
| + 71dB | Perda auditiva profunda | Não ouve a fala ou outros sons |

Analisando as tabelas, é possível dizer que mesmo a perda de modo leve traz problemas para o desenvolvimento da fala de ambos; crianças e adultos. FERNANDES (2019).

2.4 Língua Brasileira de Sinais

RAMOS (2004) A libras como dito anteriormente, é uma língua gestual-visual utilizando como meio de comunicação o movimento das mãos em um determinado lugar com uma certa configuração e acompanhada de expressões faciais. Esse certo movimento é chamado de parâmetros e dentro da língua de sinais encontramos cinco, sendo eles:

Configuração das mãos: Usada para datilologia, que seria o alfabeto manual e para sinais. Por exemplo: Aprender, laranja e desodorante contém a mesma configuração de mãos.

Ponto de articulação: é onde a mão se posiciona diante do corpo podendo assim estar em um espaço neutro ou também tocar a estatura. Por exemplo, esquecer e pensar são feitos na testa; já brincar e trabalhar são feitos no espaço neutro.

Movimento: É o determinado movimento que se usa na realização de um sinal, que é usado em sua maioria.

Expressão facial: De muita importância no uso da Libras, pois se usa sempre na comunicação para se expressar, como, estar feliz ou estar triste.

Orientação: é o lado do movimento ao uso do sinal, ou seja, sinalizando do lado contrário se da outro significado.

Ao juntar esses 5 parâmetros, se obtém o sinal, conseguindo assim, se comunicar com as mãos.

A Libras teve seu reconhecimento no Brasil com o presidente da república Fernando Henrique Cardoso, com o seguinte contexto:

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão em que o sistema linguístico de natureza visuo-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Art. 2º Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais - Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil

Com isso, deu o direito a pessoas deficientes auditivas a utilizar a língua de sinais em todas as áreas, incluindo na educação obtendo também o direito a diversidade. Em 2021,

acabou-se modificando também a Lei de Diretrizes e Bases – LDB; acrescentando os artigos 60-A e 60-B dizendo:

Art. 60-A. Entende-se por educação bilíngue de surdos, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida em Língua Brasileira de Sinais (Libras), como primeira língua, e em português escrito, como segunda língua, em escolas bilíngues de surdos, classes bilíngues de surdos, escolas comuns ou em polos de educação bilíngue de surdos, para educandos surdos, surdo-cegos, com deficiência auditiva sinalizantes, surdos com altas habilidades ou superdotação ou com outras deficiências associadas, optantes pela modalidade de educação bilíngue de surdos.

Art. 60-B. Além do disposto no art. 59 desta Lei, os sistemas de ensino assegurarão aos educandos surdos, surdo-cegos, com deficiência auditiva sinalizantes, surdos com altas habilidades ou superdotação ou com outras deficiências associadas, materiais didáticos e professores bilíngues com formação e especialização adequadas, em nível superior.

2.5 DESAFIOS DOS DOCENTES

Dos Santos (2020) Relata que, o governo, juntamente as escolas devem buscar um método para que haja de fato uma inclusão de pessoas surdas ao ensino regular se fazendo necessário professores e materiais suficientes para atender esse público-alvo. É necessário obter de forma adequada, fazendo com que os alunos convivam com ouvintes, para que ambos tenham as mesmas oportunidades, sendo papel do professor também ter um engajamento efetivo para romper os paradigmas antigos.

Afim de promover uma maior interação do sujeito surdo em uma sala de aula dita “convencional”, onde possivelmente o mesmo teria as mesmas oportunidades de aprendizado, surgiu a integração. O que acabou ocasionando uma série de controvérsias, uma vez que a inclusão de fato, seria algo muito mais abrangente, englobando até mesmo aspectos sociais. NASCIMENTO (apud Dos santos)

Tudo dependerá de como o professor irá agir diante de cada situação, pois estará sempre que necessário, sair de sua zona de conforto ao criar novas metodologias para o ensino para esse aluno surdo. Cursos superiores contém uma grade curricular de libras com uma carga horária bem curta e por isso, fica a cargo do professor busque meios pessoais a fim de minimizar a precariedade desse ensino aos alunos, buscando assim, atividades e metodologias para serem trabalhadas a fim de desenvolver o ensino-aprendizagem do surdo.

Por isso, é de extrema importância que o docente tenha uma formação básica em libras mesmo tendo a presença de um interprete de libras em sua sala, para ter uma interação direta com seu aluno pois a comunicação é fundamental durante todo o processo de formação de seu aluno. Dos santos (2020)

Sendo assim, Lacerda (2006) é essencial a comunicação com os três, professor; intérprete e aluno, pois alguns interpretes reclamam dessa falta de comunicação dos professores, sendo elas a falta de planejamento em conjunto, do trabalho em equipe e porque muito das vezes alguns professores não realizam seu devido trabalho tendo um aluno surdo em sala, jogando toda essa responsabilidade para as interpretes ou aplicando atividades que não fazem sentidos a esse aluno.

Observa-se que, os professores e as escolas não obtém um total conhecimento sobre a surdez, não conseguindo compreender o surdo com total facilidade, as suas dificuldades e linguagens. Onde observamos que, seriam necessários a realização de mais estudos voltados a essa inclusão juntamente de interpretes. Lacerda (2006).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a análise deste artigo, percebemos que, nos dias atuais os docentes ainda encontram dificuldades com a educação dos surdos, sendo ponto principal o conhecimento aprofundado sobre a surdez e a inclusão desses alunos juntamente de um intérprete dentro da sala de aula, a falta de trabalho em equipe dos professores também dificulta bastante o processo de desenvolvimento desse aluno surdo. A prática docente é um grande desafio, portanto se aprofundássemos os estudos nas grades curriculares e também no dia a dia deste profissional, com mediações entre professor, intérprete e aluno seria de grande ajuda amenizar essas barreiras que se encontram dentro e fora da sala de aula

4. REFERÊNCIAS

1. ANCHIETA, José; PIUMBATO, Maria Cristina. Normalidade, diversidade e alteridade na história do Instituto Nacional de Surdos. *Revistas brasileiras de educação*. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782016216744>. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/qQBcznjw9WRBBkKWYr65Sss/> Acesso em jun. 2023.
2. BATISTA DO NASCIMENTO, C. ALFABETO MANUAL DA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA (LIBRAS): UMA FONTE PRODUTIVA PARA IMPORTAR PALAVRAS DA LÍNGUA PORTUGUESA. *Trama*, Marechal Cândido Rondon, v. 7, n. 14, p. 33–56, 2012. DOI: 10.48075/rt.v7i14.5784. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/5784> . Acesso em: out. 2023

3. BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2003. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União, 25 abril 2003. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm acesso em agosto 2023
4. Brasil. Lei nº 14.191, de 03 de agosto de 2021. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20192022/2021/lei/14191.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%2014.191%2C%20DE%203,Art. Acesso em agosto 2023.
5. CROMACK, Eliane Maria Polidoro da Costa. Identidade, cultura surda e produção de subjetividades e educação: atravessamentos e implicações sociais. Psicologia: ciência e profissão, v. 24, p. 68-77, 2004. Disponível em <https://www.scielo.br/j/pcp/a/gwqgpPLXRVQWSfVVrLd8WsS/?lang=pt> acesso em set 2023
6. DA SILVA, Edvaldo Feliciano; CAMPOS, Marineide Furtado. O percurso dos surdos na história e a necessidade da libras para a inclusão dos sujeitos na escola. 2017. Disponível em: https://www.editorarcalize.com.br/editora/anais/join/2017/TRABALHO_EV081_MD1_SA14_4_ID1281_12092017192714.pdf acesso em agosto 2023
7. DOS SANTOS VIEIRA, Edilene; DOS SANTOS, Rosemary Meneses. OS DESAFIOS DO PROFESSOR NO PROCESSO DE INCLUSÃO DOS ALUNOS SURDOS NO ENSINO DE CIÊNCIAS. Disponível em: https://www.editorarcalize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD1_SA10_ID4746_01102020231527.pdf acesso em Nov 2023.
8. FERNANDES, Fernanda Santos. DIVERSIDADE NA PERDA AUDITIVA. Revista Científica Multidisciplinar UNIFLU, v. 4, n. 2, p. 318-336, 2019. Disponível em: <http://www.revistas.uniflu.edu.br:8088/seer/ojs-3.0.2/index.php/multidisciplinar/article/view/235> acesso em Nov 2023
9. GUIMARÃES, Jéssics Suzana. Representações sociais de surdos sobre a surdez: deficiência ou diferença?. Revista Educação-UNG-Ser, v. 14, n. 2, p. 7-11, 2019. Disponível em

<http://revistas.ung.br/index.php/educacao/article/view/3348/2870> acesso em Nov 2023

10. LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência. *Cadernos cedes*, v. 26, p. 163-184, 2006.
<https://www.scielo.br/j/ccedes/a/KWGSm9HbzsYT537RWBnBcFc/?format=html>

11. MORI, Nerli Nonato Ribeiro; SANDER, Ricardo Ernani. História da educação dos surdos no

Brasil. Seminário de Pesquisa do PPE. Universidade Estadual de Maringá, v. 2, 2015. Disponível em

[https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/54680340/Texto_01libre.pdf?1507660310=&response-](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/54680340/Texto_01libre.pdf?1507660310=&response-content-)

[disposition=inline%3B+filename%3DHISTORIA_DA_EDUCACAO_DOS_SURDOS_NO_BRASI.pdf&Expires=1698505125&Signature=FJ7FNUgcX4XSNxIYAb1se8mz0nT3A86~UhlPSeOAMNmyKn6XJfIANcIQLK85iVHvskO3XB3fdyecz4bkQE4KoGpZ00~~kNgXHokS8NGxc4rpDz8TZVe3ko6ZGszli8Mv-](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/54680340/Texto_01libre.pdf?1507660310=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DHISTORIA_DA_EDUCACAO_DOS_SURDOS_NO_BRASI.pdf&Expires=1698505125&Signature=FJ7FNUgcX4XSNxIYAb1se8mz0nT3A86~UhlPSeOAMNmyKn6XJfIANcIQLK85iVHvskO3XB3fdyecz4bkQE4KoGpZ00~~kNgXHokS8NGxc4rpDz8TZVe3ko6ZGszli8Mv-)

[cI2Oy44MZ40859T7e7mn5fsqmy4YHDg9NeRVBTbdUtYMwWmmRsu2Gqhrwez8E-](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/54680340/Texto_01libre.pdf?1507660310=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DHISTORIA_DA_EDUCACAO_DOS_SURDOS_NO_BRASI.pdf&Expires=1698505125&Signature=FJ7FNUgcX4XSNxIYAb1se8mz0nT3A86~UhlPSeOAMNmyKn6XJfIANcIQLK85iVHvskO3XB3fdyecz4bkQE4KoGpZ00~~kNgXHokS8NGxc4rpDz8TZVe3ko6ZGszli8Mv-cI2Oy44MZ40859T7e7mn5fsqmy4YHDg9NeRVBTbdUtYMwWmmRsu2Gqhrwez8E-o7mj-uK-)

[IOTUX7uAzikQLk9agkBRm6CetNBxtjBjIXeppHX5760cYsRCgZmVv0hXKrljUU4FLybJfKyIOAXRMOQ4TOsnpCB7fFhQNfFyoeJNBgsyBF1IplNvL39VBSxxqxVjpJaHhWCqljoYKHw__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/54680340/Texto_01libre.pdf?1507660310=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DHISTORIA_DA_EDUCACAO_DOS_SURDOS_NO_BRASI.pdf&Expires=1698505125&Signature=FJ7FNUgcX4XSNxIYAb1se8mz0nT3A86~UhlPSeOAMNmyKn6XJfIANcIQLK85iVHvskO3XB3fdyecz4bkQE4KoGpZ00~~kNgXHokS8NGxc4rpDz8TZVe3ko6ZGszli8Mv-cI2Oy44MZ40859T7e7mn5fsqmy4YHDg9NeRVBTbdUtYMwWmmRsu2Gqhrwez8E-o7mj-uK-IOTUX7uAzikQLk9agkBRm6CetNBxtjBjIXeppHX5760cYsRCgZmVv0hXKrljUU4FLybJfKyIOAXRMOQ4TOsnpCB7fFhQNfFyoeJNBgsyBF1IplNvL39VBSxxqxVjpJaHhWCqljoYKHw__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA) acesso em out 2023

12. DO NASCIMENTO, Fábio Rogério Ferreira Marques; DO NASCIMENTO, Jônatha Lisboa Galvão. QUAIS OS DESAFIOS QUE O PROFESSOR ENFRENTA PARA ENSINAR AOS ALUNOS SURDOS? 2015.

Disponível em:

https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2015/TRABALHO_EV045_MD1_SA7_ID5063_13082015223315.pdf acesso em agosto 2023